

A poesia pensa o século XX: Fernando Pessoa lido por Alain Badiou

Vincenzo Russo

Resumo

Pensar o século XX como uma cartografia de textos – de *vestígios* que restituem, por descontinuidade, o significado que o século adquire para os atores deste mesmo século – é a tarefa filosófica levada a cabo por Alain Badiou que, a partir da década de 90, em ocasião de um dos *Colóquios de Cerisy* (1997), vem instaurando um complexo diálogo com a obra pessoana. Para Badiou, pensar o século XX significa destrinçar as singularidades do pensamento novecentista tanto em termos históricos (individuar o que foi pensado como anteriormente não-pensado) como em termos hermenêuticos (individuar o que foi pensado como impensável). Fernando Pessoa, segundo Badiou, pode ser interpretado não apenas como um dos testemunhos-chave da excepcional estreia criadora (entre 1890 e 1914) definida *idade dos poetas*, mas também como reinventor da ideia de poesia, “que tem a tarefa de dar um nome ao século”. A obra de Fernando Pessoa, para além de compensar um imaginário nacional carenciado, atribui à própria poesia esforços hercúleos para repensar todo o século. Badiou reconhece ainda como a reflexão filosófica do século XX está longe de estar sintonizada com a poesia de Pessoa que, num desafio singular ao pensamento contemporâneo, não se sujeita às suas formas e medidas.

Palavras-chave: Poesia, Século XX, Badiou, *French Theory*, crueldade.

Abstract

Thinking the 20th century as a cartography of documents is the philosophical task of Alain Badiou that, from the 90s, in the course of Colloquium of Cerisy (1997), is establishing a complex dialogue with Pessoa's work. For Badiou, thinking the century means pointing out the singularities of contemporary thought both in historical and hermeneutic terms. Fernando Pessoa, according to Badiou, can be interpreted not only as one of the fundamental witnesses to the exceptional creative debut (between 1890 and 1914) called *Age of Poets*, but also as new inventor of the idea of poetry “which has the task of naming the century”. The

work of Fernando Pessoa gives to Poetry tremendous efforts to rethink the whole century. Badiou still recognizes as the philosophical reflection of the 20th century is far from being in tune with Pessoa's poetry that, in a special challenge to contemporary thought, is subject to his shapes and sizes.

Keywords: Poetry, twentieth century, Badiou, *French Theory*, cruelty.

A poesia pensa o século XX: Fernando Pessoa lido por Alain Badiou

Vincenzo Russo

Pensar Pessoa, mais uma vez. Badiou (I)

Este ensaio, parafraseando Alain Badiou, poderia intitular-se: um filósofo francês responde a um poeta português. Ainda que não tratemos de toda a constelação de pensamento que a filosofia de Alain Badiou declinou na contemporaneidade – herdeiro heterodoxo de um Althusser e fator de uma posição, por assim dizer, essencialmente “inatural” de anti-pós-moderno¹⁰³ – a interpretação de Pessoa articulada por Badiou¹⁰⁴ não é de modo nenhum inteligível, ou é apenas inteligível por vestígios concetuais, a não ser dentro do próprio coração da poderosa máquina filosófica do intelectual franco-marroquino. Pessoa, antes de mais nada, é considerado um dos arquivos textuais, um *evento*¹⁰⁵ tão singular que incidiu no *procedimento genérico* da poesia e, portanto, a obra pessoana poderá ser considerada como uma condição para a filosofia se repensar a si própria como ainda possível (para além dos necrológios, reais ou fictícios, que pretendem ou têm pretendido declarar a morte da filosofia). Isto obriga-nos a remontar genealogicamente às origens do movimento deste pensamento que funcionará como contraponto da leitura de Pessoa, quanto mais não seja para nos familiarizarmos com o léxico conceitual do nosso filósofo.¹⁰⁶ No *Manifesto pela Filosofia* (cuja edição original francesa saiu em 1989), Badiou individua, a partir de Platão,

¹⁰³ Alain Badiou historiciza o pensamento contemporâneo francês como momento filosófico mais que como grupo ou escola e considera a sua própria obra como a de um continuador e último herdeiro da *French Theory*: “Gostaria de afirmar uma tese histórica e nacional: houve ou há, conforme eu esteja colocado, um momento filosófico francês que se desenvolve na segunda metade do séc. XX e que pode ser comparado – com as devidas proporções – com os exemplos dados anteriormente: o momento filosófico grego clássico e o idealismo alemão. Consideremos a metade do séc. XX: *O Ser e o Nada*, a obra fundamental de Sartre, aparecida em 1943, e os últimos escritos de Deleuze, recolhidos sob o título de *O que é a filosofia?* que remontam aos inícios dos anos 1990. Entre 1943 e o fim do séc. XX vai-se implantando o momento filosófico francês; entre Sartre e Deleuze podemos citar Bachelard, Merleau-Ponty, Lévi-Strauss, Althusser, Foucault, Derrida, Lacan...eu próprio, quem sabe...vamos lá ver. A minha posição específica é a seguinte: se houve um momento filosófico francês, pode ser que eu seja o último representante” (Badiou, 2008: 439).

¹⁰⁴ São fundamentalmente três os livros em que Badiou aborda diretamente a obra pessoana: *Manifeste pour la philosophie* (1989), *Petit manuel de inesthétique* (1998) e *Le siècle* (2005).

¹⁰⁵ O *evento* é um dos conceitos-chave do sistema filosófico de Badiou que a partir da sua obra-prima *O ser e o evento* (1988) é tido como algo de raro e “clamoroso” de onde tudo jorra. Ao *evento* cabe uma fidelidade por parte do sujeito. Essa é uma fidelidade que não só define a existência do próprio sujeito mas implica também que não sejam considerados mais eventos.

¹⁰⁶ Para uma introdução aos fundamentos do pensamento de Badiou, veja-se, pelo menos, Barker (2002) e o mais recente Bartlett e Clemens (2010).

quatro condições genéricas ou *procedimentos* que ocuparam a filosofia ocidental (a matemática, a poesia, a invenção política, e o amor).¹⁰⁷ Por *procedimento genérico* entenda-se:

Procedimento: uma verdade, e como tal distinta de um saber, é um percurso infinito e não um juízo ou um estado das coisas.

Genérico: uma verdade estabelece-se a partir do singular enquanto tal, a partir daquilo que é originariamente sem nome e sem conceito, e não a partir do que está já registado, nomeado ou classificado pelos saberes que temos à disposição.

Em breve, *procedimento genérico* define as verdades como *invenções* que se inscrevem no *ser* mas não procedem senão de um *evento*.

Historicamente, os tempos modernos caracterizam-se pelo processo da *suturação*. Se a filosofia é a “configuração como pensamento, do facto de que suas quatro condições genéricas (matemática, poesia, política e amor) são compossíveis na forma do evento que prescreve as verdades do tempo, uma suspensão da filosofia pode resultar de um bloqueio” (Badiou, 1991: 29). Esse bloqueio do pensar filosoficamente traz em si questões de legitimação do próprio saber filosófico: “A causa mais frequente de tal bloqueio é que em vez de edificar um espaço de compossibilidade através do qual se exerça um pensamento do tempo, a filosofia delega suas funções a tal ou qual de suas condições, ela entrega a totalidade do pensamento a um *procedimento genérico*” (Badiou, 1991: 29). Esta situação é chamada de *sutura*. A advertência de Badiou é que a filosofia não terá de se anular em epistemologia (ciência), em estética (arte e poesia), em filosofia política ou heterologia (psicanálise). A filosofia foi suturada – em certas grandes épocas – por um, e apenas um, dos quatro procedimentos genéricos:

a) Na idade clássica, de Descartes e Leibniz, a condição dominante foi a matemática como consequência do evento galileiano;

b) A partir de Rousseau e de Hegel, na idade caracterizada pela Revolução francesa, a compossibilidade dos procedimentos genéricos está sob a jurisdição da condição histórico-política;

¹⁰⁷ “Não é possível deduzir de forma racional que os quatro “procedimentos genéricos” [...] isto é, política, amor, artes e ciências, sejam os únicos tipos possíveis de produção humana capaz de pretender uma certa universalidade. Mas as propostas até agora avançadas (trabalho, religião, direito...) não me parecem de todo satisfatórias” (Badiou, 2009: 23).

c) Entre Nietzsche e Heidegger, é a arte, cujo coração é a poesia, que retoma, por uma retroação antiplatónica, a função de linguagem única e resistente ao obliuio nihilista que caracteriza a Modernidade.

d) A partir da década de 1960, a filosofia estaria suturada pelo amor. Veja-se, a este respeito, a obra de Lacan que fez, pelo conceito de amor, uma revolução digna de Platão.

A idade dos Poetas. Badiou (II)

A idade que vive sob a sutura da filosofia com a poesia é definida por Badiou *idade dos poetas*. A idade dos poetas, estando já concluída, é escandida por sete obras-*eventos*: Hölderlin, o profeta de todos eles, a que se segue uma constelação de poetas que viveram depois da Comuna de Paris (1848): Mallarmé, Rimbaud, Trakl, Pessoa, Mandelstam, Celan.

Depois do séc. XIX, em que as condições política e científica dominaram, Badiou identifica em Nietzsche a passagem paradigmática que levou a filosofia a entregar-se à suturação de outra condição: a arte. Esse processo culminaria em Heidegger que, apontando os limites da técnica – (por um lado a ciência moderna, por outro o Estado totalitário) – como as duas suturas dominantes, afirma como o pensamento não se vai libertar delas senão acabando com elas.

Na imagem de Badiou, a filosofia novecentista é, tal como o Arlequim da Comédia da Arte italiana, servidora de três senhoras. Servidora, a Oeste, da Ciência, a Leste, da Política (tal como o mundo bipolar durante a Guerra Fria se configurou, pelo menos até à queda do Muro de Berlim), a filosofia, através da mitologização cultural que Heidegger cumprirá, acaba por servir outro senhor: a Poesia.

Não é por acaso que Badiou reconhece dois filões de um verdadeiro culto filosófico pelos poetas celebrado, por um lado, pela linha alemã (Nietzsche, Heidegger, e acrescentaria eu, Walter Benjamin, leitor de Baudelaire e da Modernidade poética¹⁰⁸), e por outro, pela linha francesa, que perseverou num fascínio pela literatura que acaba por revelar uma espécie de fetichismo pela arte literária (Blanchot, Derrida, Deleuze).

Na assim chamada *idade dos poetas*, Badiou não reconhece a estes autores nenhum estatuto especial: “não são nem toda a poesia nem todos os poetas” (Badiou, 1991: 35). Longe de

¹⁰⁸ Veja-se a este respeito, pelo menos, Maria Filomena Molder, *O Químico e o Alquimista. Benjamin leitor de Baudelaire*, Relógio d'Água, Lisboa, 2011.

qualquer intenção canonizadora, a lista dos sete poetas de Badiou quer exemplificar o processo pelo qual a poesia tomou as funções da filosofia.

De facto, é na poesia destes sete poetas (por acaso todos europeus) que está reconhecível uma obra de pensamento. Eles são todos autores para quem a poesia, a partir do momento em que a filosofia recua, é o lugar da língua onde se exerce uma proposição sobre o ser e sobre o tempo. Esses poetas não *decidiram* substituir-se aos filósofos, não escreveram na consciência clarificada de uma tal substituição. De forma tão inevitável, Pessoa dirá, com toda a consciência disso: “I was a poet animated by philosophy, not a philosopher with poetic faculties” (Pessoa, 1966: 13).

Entretanto, o que permite a estes sete poetas – para além dos contextos históricos, da singularidade das suas operações (*le dérèglement* de Rimbaud, a heteronímia de Pessoa, etc.) – subtraírem-se aos efeitos das suturas filosóficas é a destituição da categoria de objeto protagonizada pelas suas obras poéticas. Se a poesia destes poetas é uma tentativa de acesso ao Ser, esse mesmo acesso atravessa obliquamente a oposição objeto/sujeito: a poesia é uma experiência que se subtrai à objetividade e à subjetividade.¹⁰⁹ O poder de persuasão que ainda hoje mantém o pensamento de Heidegger tem a ver com a entrega da filosofia à poesia, única linguagem que acabaria por deter a possibilidade de dizer ou redizer a desorientação essencial de nossa época. Mas Badiou reivindica contra Heidegger uma nova e radical posição: a *idade dos poetas* acabou, é portanto preciso de-suturar também a filosofia de sua condição poética. O que quer dizer: a desobjetificação, a desorientação, não têm obrigação de ser enunciadas pela metáfora poética. A desorientação é conceitualizável, é pensável. Contra Heidegger, Badiou põe ainda em evidência como a antinomia matema/poesia já não se deve pensar como uma oposição entre saber e verdade. Ora, esta montagem não é legível na poesia da idade dos poetas. A relação autêntica dos poetas com as matemáticas é de ordem inteiramente diversa.

Aparece como uma relação de rivalidade em torsão, de comunidade heterogénea no mesmo ponto [...] Quando Pessoa escreve: “O binómio de Newton é tão belo como a

¹⁰⁹ “A operação central, a partir da qual podemos incluir e pensar um poeta da idade dos poetas, é seu “método” de desobjetivação, portanto o procedimento, o mais frequentemente muito complexo, que ele opera para produzir verdades na falta do saber, para enunciar a desorientação no movimento metafórico de uma destituição do par sujeito/objeto. São esses procedimentos que diferenciam os poetas e periodizam a era dos poetas” (Badiou, 1991: 41). Portanto os procedimentos dependem principalmente de dois tipos: subtração ou excesso. Sujeito abolido por subtração ou por pluralização efetiva como no processo heteronímico pessoano.

Vénus de Milo /O que há é pouca gente para dar por isso”, nos dá a pensar que mais do que opor a verdade da poesia ao nihilismo latente do matema, o imperativo é agir de modo que, afinal, dessa identidade de beleza, não mais “pouca gente”, mas todo o mundo, dê por isso, afinal. (Badiou, 1991: 40)

No último capítulo do *Manifesto pela filosofia*, a proposta de Badiou é cortante: dos textos poéticos de um Pessoa ou de um Celan, emerge, poeticamente enunciada, a confissão de que a poesia não se basta a si mesma, que ela demanda ser libertada do fardo da sutura, que ela espera uma filosofia libertada da autoridade arrasante do poema ou, como dirá alguns anos mais tarde Badiou, relativamente ao caso específico da interpelação pessoana, que para a filosofia é desejável uma nova e inaugural tarefa: a filosofia terá de pensar à altura de Fernando Pessoa.

Badiou não aceita a derrota das pretensões de toda a estética filosófica para se refugiar na crença antifilosófica de que a arte se pode pensar a si própria. O projeto de Badiou é de reverter o discurso da estética para configurar uma *in-estética* que saiba descrever os efeitos estritamente intrafilosóficos produzidos pelas obras de arte.

Uma hercúlea tarefa para a filosofia: ser contemporânea de Pessoa. Badiou (III)

Porque Alain Badiou afirma que a filosofia ainda não pensa à altura de Fernando Pessoa?

Considera o filósofo: “Defenderemos que a linha de pensamento singular desenvolvida por Fernando Pessoa é tal que nenhuma das figuras estabelecidas da modernidade filosófica está apta a sustentar sua tensão” (Badiou, 2002: 54).

Se aceitarmos que toda a modernidade filosófica é essencialmente antiplatónica (as três vertentes da filosofia do século XX têm como ponto de partida uma forte carga crítica de oposição ao platonismo: as filosofias da vida e da potência virtual, de Nietzsche até Deleuze; as filosofias gramaticais e da linguagem, as filosofias de Heidegger e da hermenêutica) perguntamo-nos se o específico procedimento poético pessoano, isto é, a heteronímia, constitui uma inflexão singular de antiplatonismo e se é nesse sentido que Pessoa participa na Modernidade?

A resposta é negativa. Se Fernando Pessoa representa, para a filosofia, um desafio singular, se a sua modernidade ainda está “mais à nossa frente, e, sob certos aspetos, ainda se encontra inexplorada, isso ocorre porque *seu pensamento-poema abre um caminho que consegue ser nem platónico, nem antiplatónico*” (Badiou, 2002: 56).

Pessoa é transversal a todas as tendências do antiplatonismo do século XX porque ele as atravessou ou antecipou. A poesia pessoana implica uma lógica dilatada e invertida que não parece incompatível com a clareza da dialética idealista:

a) O oximoro.¹¹⁰

b) *A negação flutuante*, fruto de uma reticência afirmativa, que faz com que as mais retumbantes manifestações da força do ser sejam percorridas pelas mais insistentes retratações do sujeito¹¹¹: como, por exemplo, no célebre verso caeiriano “Eu nunca guardei rebanhos/ mas é como se os guardasse”.

c) A materialidade da heteronímia não é da ordem do projeto ou da Ideia. É *entregue* à escrita, à diversidade efetiva dos poemas (para desespero e alegria dos filólogos e dos editores, acrescentaria eu).

d) A poesia pessoana representa uma crítica importante da idealização.

Todavia, sendo não só antiplatónica, a poesia pessoana deixa, tal como Badiou pretende evidenciar, emergir quatro posturas platónicas:

a) a promoção do paradigma matemático;

b) a base ontológica arquetípica do recurso ao visível. A poesia de Fernando Pessoa não representa singularidades sensíveis no poema, mas sim o seu tipo, o seu onto-tipo como, por exemplo, a figura do Cais “eterno e intrínseco” da “Ode Marítima”;

c) a heteronímia é uma imagem possível de um lugar inteligível;

d) o projeto político pessoano seria semelhante ao que Platão expõe na *República*. Afinal, *Mensagem* não é considerado senão uma reconstrução ideal a partir de uma sistemática dos símbolos.¹¹²

Portanto, apesar de estarmos historicamente fora da idade dos poetas, a poesia, e nomeadamente a poesia pessoana, lança mais um desafio à filosofia para ela se sintonizar com os tempos e os modos que Pessoa alcançou ou intuiu e que ainda lhe escapam, antes de enveredar –

¹¹⁰ Cfr. Luciana Stegagno-Picchio e Roman Jakobson (1968).

¹¹¹ Considerar Pessoa mais que um poeta do Nada um poeta do Não era uma sugestão de Ettore Finazzi-Agrò (1987).

¹¹² Como é óbvio, aparece demasiado simplificador a articulação com que Badiou interpreta o projeto político pessoano que, se pelo menos na sua vertente nacionalista, é uma tentativa de identificar os destinos de Portugal com a Poesia (tal como pretendem Joel Serrão ou Eduardo Lourenço), não pode ser reduzido à postura platónica da sua ideação.

como seria necessário – pelo caminho para nós aberto pelo poeta: uma filosofia do múltiplo, do vazio, do infinito.

A modernidade de Pessoa é de colocar em dúvida a pertinência da oposição platonismo/antiplatonismo: a tarefa do pensamento-poema não é nem a vassalagem ao platonismo, nem a sua derrubada. E é o que nós, filósofos, ainda não compreendemos inteiramente. Daí não pensarmos ainda à altura de Pessoa (Badiou, 2002: 62-63).

De resto, um Pessoa ainda muito novo, em 1912, já aceitava que a poesia pensasse o século XX, pelo menos, o longo século XX português: “É, portanto, a filosofia do poeta, e não a do filósofo, que representa a alma da raça a que ele pertence” (Pessoa, *Crítica*, 2000: 61).

Um poema pessoano como exercício de crueldade. Badiou (IV)

Na cartografia das subjetividades que pensaram o século XX (porque ao filósofo não interessa julgar ou objetivar o espaço cronológico do século¹¹³), Badiou escolhe ler o poema “Ode Marítima” de Álvaro de Campos como texto paradigmático para analisar o tema da crueldade que é, ao mesmo tempo, *práxis* política (até biopolítica) e figura cultural ou literária *tout court*.¹¹⁴ Para além de um breve perfil biográfico (não isento de uma gralha bastante ingénuo como a de indicar a África do Sul como lugar de nascimento de Pessoa), o que Badiou pretende frisar é o empenhamento total do poeta português em substituir a “intensidade histórico-política, já perdida pelo seu País depois dos Descobrimentos, com a complexidade das construções do pensamento” (Badiou, 2006: 130). Parece evidente que Badiou lê na heteronímia de Pessoa o gesto solitário, magnífico e todavia freudianamente compensatório, de recuperar todas as virtualidades da poesia portuguesa no século. É como se Pessoa se tivesse encarregado de uma tarefa enorme que é escrever uma “poesia digna da situação histórica-planetária de onde o Portugal histórico se retirara outrora. Pessoa é quem luta contra a esclerose temporal através da

¹¹³ Existem pelo menos três grandes tentativas de objetivar o século XX (e portanto de julgá-lo através de categorias parciais) interpretando o século respetivamente como o “século soviético” – que liga as duas guerras mundiais ao nascimento, desenvolvimento e queda do comunismo –, o “século totalitário” – que inclui o tempo desde a Revolução de Outubro até à morte de Mao Tse Dong (1976) –, e enfim o “século liberal” – que com o advento e a difusão do parlamentarismo se implantou desde a década de 1970, e portanto um século breve e por assim dizer “truncado”.

¹¹⁴ “A crueldade é de fato um tema importante do séc. XX literário. Poderíamos também ligar essa insistência da crueldade nas artes com a omnipresença da crueldade dos estados, mas seria um pouco sumário. O ponto a considerar é a crueldade quer como matéria, quer como origem de produção literária” (Badiou, 2006: 131).

invenção de uma complexidade poética sem precedentes” (Badiou, 2006: 130). O que está em jogo na representação da crueldade, e portanto na representação da “Ode Marítima”, onde a crueldade está expressa na metáfora dos piratas, é reconhecer como o século XX inverteu o processo de combinação entre a dimensão sensível do “eu”, do corpo (a realidade só ensaia corpos torturados, esquarterados) e a dimensão do “nós”, da Ideia, impassível, transcendental, universal. Não se trata já de uma dialética platônica onde a Ideia tem de se libertar a todo o custo do sensível, mas de uma antidialética em que à Ideia se atribui uma potência sensível. Badiou considera que a “Ode Marítima” exhibe a passagem do “eu” para “nós” através de sete momentos que implicam uma espécie de viagem da solidão para a solidão, onde o “eu” que se inscreve no poema e está “sozinho no cais deserto” traduz, num momento platônico, a sua visão do cais real em cais eterno e essencial. O apelo gritado de partilhar o mar com os piratas (que remetem para a crueldade colonial da história portuguesa) – “Quero ir convosco, quero ir convosco, / Ao mesmo tempo com vós todos / Pra toda a parte pr’onde fostes!” quebra a dimensão da solidão e prepara a explosão do “eu” na multiplicidade-pirata, uma dilatação estática do sujeito pessoal em um “nós” absolutamente cruel. Depois de uma repentina interrupção, em que há uma melancólica regressão ao “eu”, Álvaro de Campos volta a experienciar uma multiplicidade que já não é dinâmica, estática e cruel como a representada pelos piratas: uma nova multiplicidade comercial, limpa e regular, “burguês”, que Álvaro de Campos no momento humanista do poema chega a tolerar, até a aceitar. Em lugar da violência-pirata do “nós” subentram “os sentimentos humanos, tão conviventes e burgueses. / Tão complicadamente simples, tão metafisicamente tristes”. Badiou alerta que o desfecho pessimista da “Ode” (uma regressão à solidão) é o produto de um duplo falhanço: o abandono à crueldade estática da vida universal (“Fazei de mim o vosso escravo e a vossa coisa!”) tal como é proclamado por Álvaro de Campos, ao longo do poema, esgota toda a sua força criadora. Outra passividade feita de resignação e tolerância (“Pobre gente! pobre gente toda a gente!”) obriga a considerar que a passagem do “eu” para “nós” não funda um tempo novo, mas apenas um regresso ao mesmo início. Tal como escreverá Badiou acerca da tentativa de Pessoa-Campos de passar do “eu” para nós”: “toda a insistência é já um luto” (Badiou, 2006: 143).

Conclusão

Como é óbvio, o sintético percurso que esboçámos aqui não esgota a ainda instigante leitura que da obra pessoana tem feito o filósofo francês Alain Badiou: entender o Pessoa de Badiou significou antes de mais nada colocar o papel da arte literária e nomeadamente da poesia no mapa da poderosa máquina filosófica do autor de *O Ser e o Evento*, que pretende fundar uma *inestética* a partir de uma teoria da arte em que ela é algo de acabado e que, ao mesmo tempo, se subtrai à finitude.

Se, tal como foi mostrado anteriormente, existem três momentos decisivos na interpretação de Pessoa por parte de Badiou (a obra pessoana ainda não sintonizada com o pensamento filosófico, Pessoa como representante da idade dos poetas, e a crueldade da “Ode Marítima” como figura do século), é também verdade que o filósofo francês continua a interrogar-nos com a sua constante interpelação perante o reticente e demasiado ruidoso poeta português.

Referências

- BADIOU, Alain (1991) *Manifesto pela filosofia*, versão e nota de MD Magno, Rio de Janeiro, Aoutra, [ed. original *Manifeste pour la philosophie*, 1989].
- _____ (2002) *Pequeno manual de inestética*, Trad. de M. Appenzeller, S. Paulo, Estação Liberdade, [ed. original *Petit manuel de inesthétique*, 1998].
- _____ (2000) “Une tâche philosophique: être contemporain de Pessoa”, in Pascal Dethurens e Maria-Alzira Seixo (eds.), *Pessoa: unité, diversité, obliquité*, Paris, Editions Christian Bourgois.
- _____ (2006) *Il Secolo*, Milão, Feltrinelli [Ed. original *Le siècle*, 2005].
- _____ (2008), *Panorama della filosofia francese contemporanea*, “Archivio di storia della cultura”, XXI, 439-450.
- _____ (2009), *Secondo manifesto per la filosofia*, Napoli, a cura di L. Boni, Cronopio [Ed. original *Second manifeste pour la philosophie*, 2009].
- BARKER, Jason (2002) *Alain Badiou: a critical introduction*, London, Pluto press.
- BARTLETT, A. J. e CLEMENS, Justin (2010), *Alain Badiou: key concepts*, Durham, Acumen.

- FINAZZI-AGRÒ, Ettore (1987) *O Álibi infinito: o projecto e a prática na poesia de Fernando Pessoa*, Trad. de Amílcar M.R. Guerra, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MOLDER, Maria Filomena (2011) *O Químico e o Alquimista. Benjamin leitor de Baudelaire*, Lisboa, Relógio d'Água.
- PESSOA, Fernando (1966) *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Ática.
- _____ (1999) *Crítica. Ensaios, artigos e entrevistas*, Ed. Fernando Cabral Martins, Lisboa, Assírio & Alvim,.
- STEGAGNO-PICCHIO, Luciana e JAKOBSON, Roman, “Les oxymores dialectiques de Fernando Pessoa”, in *Langages*, Paris, 12, pp. 9-26.